

SÉRIE ANTROPOLOGIA

172

**IMOBILIZAÇÃO E DISPERSÃO DA FORÇA DE
TRABALHO. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MODOS
DE EXPANSÃO CONCENTRADA E DIFUSA**

Gustavo Lins Ribeiro

**Brasília
1994**

IMOBILIZAÇÃO E DISPERSÃO DA FORÇA DE TRABALHO. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MODOS DE EXPANSÃO CONCENTRADA E DIFUSA¹

Gustavo Lins Ribeiro

O debate sobre expansão de sistemas políticos e econômicos e as formas através dos quais este processo ocorre com suas implicações para a formação de sistemas integrados de mercado, via urbanização ou criação de malhas regionais, pode ser dividido em dois campos complementares. O primeiro enfatiza as formas de concentração de poder político e econômico, de capital e trabalho, que realizam intervenções massivas e pontuais, criando verdadeiras ilhas interconectadas por distintos meios, em maior ou menor grau. A contiguidade espacial, não sendo relevante, torna comum o uso da metáfora do arquipélago, um conjunto mais ou menos articulado de relações mantidas entre as diversas cabeças-de-ponte do sistema em expansão. O segundo campo enfatiza as formas de dispersão de poder político e econômico, vinculando-se mais à visão clássica da fronteira agrícola em expansão, onde agricultores empurram uma linha "civilizatória" imaginária em direção a novas terras, no mais das vezes concebidas como vazias e prontas a serem incorporadas por contiguidade ao sistema em expansão. Aqui, a metáfora difusionista dos círculos concêntricos muitas vezes vem à mente para pensar os modos de integração decorrentes. No entanto, em uma era em que o espaço vem sendo aniquilado pelo tempo (Harvey 1989) cumpre repensar estas questões.

Neste trabalho, mais do que discutir a natureza de cada um destes campos e suas relações, quero usar como pretexto a pertinência mesma desta discussão para explorar questões relativas a lógicas de centralização e descentralização e suas importâncias para a economia política em geral. Assim, minha perspectiva remete para vários dos âmbitos cruciais para entender a dinâmica do crescimento e da acumulação econômicos, aquele das fronteiras em expansão, de sistemas políticos e econômicos em expansão, dos impactos das inovações tecnológicas e suas influências tanto na economia-política quanto nas formas de sociabilidade e na formação do espaço na contemporaneidade. Evito deliberadamente o abuso da expressão "expansão capitalista" porque, do ponto de vista antropológico e arqueológico, algumas das presentes considerações seriam úteis para pensar a incorporação de populações locais a outros sistemas políticos e econômicos integrados.

1. Este trabalho foi inicialmente apresentado, em 15 de setembro de 1994, no Grupo Temático "Grandes Obras Hidrelétricas: Urbanização, constituição e reprodução da força de trabalho", do **Seminário Internacional A Questão Energética na Amazônia: Avaliação e Perspectiva Sócio-Ambientais**, organizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade Federal do Pará e Associação de Universidades Amazônicas, realizado em Belém, de 12 a 15 de setembro de 1994. Agradeço aos participantes da sessão, em especial a José Sérgio Leite Lopes, Carlos Vainer, Edna Castro e Leopoldo Bartolomé, pelos estimulantes comentários.

Entretanto, é certo que os movimentos de fraccionamento e unificação, centralização/descentralização, são centrais para a lógica do capitalismo no que diz respeito ao estabelecimento da divisão social do trabalho, características dos processos produtivos e de acumulação. Marx, ao discutir a acumulação de capital, afirma que: "O movimento de acumulação social apresenta ... por um lado, uma concentração crescente dos elementos reprodutivos da riqueza nas mãos de empresários privados, e, por outro, a dispersão e multiplicação dos focos de acumulação e concentração relativos que se repelem mutuamente de suas órbitas particulares" (Marx, livro 1, 1976: 447)². Para ele a tendência à concentração e centralização "não tardaria a levar a produção capitalista à catástrofe se, ao lado desta força centrípeta, tendências contrárias não possuíssem, sem cessar, um efeito descentralizador" (Marx, livro 3, 1976: 241).

Para fins de exposição, dividi meus argumentos em duas grandes partes. A primeira relaciona formas de imobilização da força de trabalho com o que denomino de modo de expansão concentrada. A segunda relaciona formas de dispersão da força de trabalho com o modo de expansão difusa. Tendo em vista a complexidade e abrangência de conhecimentos e dados que seriam necessários para esgotar as diversas implicações deste ensaio, o que se segue destina-se, antes de mais nada, a estimular nossa imaginação interpretativa.

Formas de Imobilização da Força de Trabalho e o Modo de Expansão Concentrada

"Todo observador desinteressado vê perfeitamente que quanto mais os meios de produção se concentram em grande escala, mais os trabalhadores se aglomeram em um espaço estreito" (Marx, livro 1, 1976: 475).

Meus estudos sobre grandes projetos (Ribeiro 1980, 1985, 1987) levaram-me à conclusão de que são uma forma de produção tipicamente vinculada ao modo de expansão concentrada. Dentre os diversos componentes destes estudos encontram-se dois fundamentais e relacionados entre si: os de imobilização da força de trabalho e aqueles relativos aos impactos dos projetos na formação e transformação de sistemas regionais. De fato, as formas de imobilização da força de trabalho vinculadas à expansão de sistemas econômicos implicam, em maior ou menor grau, em modificações nos padrões de assentamento, vias de transporte e comunicação pré-existentes (Laurelli 1987).

Aumentemos nosso nível de abstração indo além dos limites da própria noção de "imobilização da força de trabalho", passando para o âmbito do modo de expansão concentrada. Aqui podemos incluir, além dos empreendimentos direta e obviamente vinculados à expansão do capitalismo (**plantations**, minas, fábricas e grandes projetos,

2. Todas as traduções de Marx, neste texto, são minhas.

p.eg.), aqueles indiretamente vinculados, como aldeamentos, missões e fortes militares. Estes últimos também possuem populações imobilizadas em esquemas específicos de arranjos espaciais planejados e direcionados para objetivos designados de conformidade com uma burocracia centralizada, localizada em centros hegemônicos e portadoras de interesses claramente expansivos. Suas presenças, com suas necessidades logísticas e programáticas, causam profundas modificações em todos os níveis da vida das populações locais em cujas áreas se instalam.

Com alta frequência, estes empreendimentos transbordam, isto é, passam a ter uma população e áreas fora do controle direto da população e do espaço construídos para os fins do sistema em expansão. Leite Lopes (1988) mostrou como um complexo fábrica-vila operária experimentou este processo (veja adiante). Criam-se, assim, núcleos urbanos de maior ou menor importância e, por conseguinte, novos nós nas malhas de circulação de mercadorias, trabalhadores e informação. Evidentemente a criação, consolidação ou transformação de sistemas regionais a partir de formas concentradas de expansão, pressupõem a inserção das diversas localidades em uma malha, uma teia de relações que vincula, em graus diferentes, o local ao supra-local (regional, nacional, metropolitano, internacional, transnacional).

Em nenhum outro lugar, estas dinâmicas são mais claras do que naquelas iniciativas umbilical e diretamente vinculadas à produção de mercadorias e de infraestrutura para o crescimento das forças produtivas capitalistas. Acontecimentos inseridos nas dinâmicas próprias à expansão do sistema mundial, como **plantations** e muitos tipos de grandes projetos (canais, ferrovias e estradas, mais notadamente) extrapolam de imediato seus impactos regionais para relacionarem-se diretamente com o processo de integração capitalista, de encolhimento do mundo (Harvey 1989), com suas múltiplas implicações no processo de globalização.

Basta ver as mudanças associadas às **plantations** em diferentes áreas do globo, com os fluxos de trabalho forçado criando conexões humanas intercontinentais, mercados de trabalho etnicamente segmentados e fluxos e rotas de mercadorias internacionais. Os sistemas regionais, as populações locais e as que se formaram, tornaram-se, em regiões como o sul dos Estados Unidos, o Caribe e o Nordeste brasileiro, indelevelmente marcados por esses processos estruturantes. As minas também seriam outro importante exemplo a ser detalhado, sobretudo se considerarmos a colonização da América Espanhola. Por outro lado, obras como as dos canais de Suez (1859) e Panamá (1914), além dos seus impactos regionais, transformam a circulação de mercadorias a nível global, contribuindo clara e diretamente para o encolhimento do mundo.

Mas há iniciativas maiormente vinculadas a impactos regionais ou nacionais. Dentre elas podemos mencionar a exploração petrolífera e o seu peso na criação dos sistemas regionais do Texas, nos EUA, e da Patagônia argentina (Olien & Olien 1982; Rofman & Romero 1973); assim como os casos de Paulista (Pernambuco) e Brasília.

José Sérgio Leite Lopes (1979, 1988) mostrou como o transbordamento do esquema de imobilização da força de trabalho de uma fábrica têxtil em Paulista, Pernambuco, foi progressivamente transformando o sistema fábrica-vila operária em uma cidade que, no presente, faz parte da área metropolitana de Recife. Seu trabalho deixou claro, de maneira exemplar, como, na história, as formas de imobilização da força de trabalho podem transformar-se em poderosas forças urbanizadoras. Federico Neiburg (1988), percorrendo caminho semelhante, analisou o mesmo processo na Argentina, com

relação a uma fábrica de cimento em Olavarria. Ambos casos referem-se a importantes centros dos sistemas regionais de que fazem parte.

Já a história da construção de Brasília ilustra, como nenhuma, as mudanças causadas pela intervenção planejada de um grande projeto e seus efeitos inesperados. Por se tratar da construção de uma cidade, de uma capital federal, que seguiu os cânones do urbanismo modernista, tornam-se óbvias as imposições sobre as formas de organizar o espaço internamente ao Plano Piloto. Ao mesmo tempo, trata-se de um grande projeto de alcance nacional, com diferentes impactos nas articulações das diversas regiões sócio-econômicas do país, nos fluxos migratórios, de mercadorias e informações. Relembremos, ainda, sua relevância como momento da fronteira em expansão para o Oeste e para a Amazônia.

A história desta obra é igualmente indicativa da importância dos esquemas de imobilização da força de trabalho para a formação da configuração espacial do Distrito Federal como um todo (Ribeiro 1982), isto é, para a formação da cidade poli-nucleada que é Brasília com suas satélites. Os diversos acampamentos das empreiteiras participantes da construção conformavam o sistema acampamento/grande projeto (Ribeiro 1991a). Tomemos, em particular, os acampamentos concentrados na Vila Planalto (localizada entre a Praça dos Três Poderes e o Palácio da Alvorada) que, durante os anos que antecedem a inauguração da cidade em 1960, transbordaram formando a Vila Amauri de cujo reassentamento forçado em 1959 se originaram algumas das cidades satélites. Assim, a construção da capital federal permite ver as implicações que um grande projeto tem ao nível nacional, regional (considerando seus efeitos sobre a estruturação do espaço do Distrito Federal e sobre o estado de Goiás e para o Centro-Oeste, como um todo) e local.

Ressaltemos ainda que as formas de imobilização da força de trabalho se tratam, em geral, de formas de subordinação e dinâmicas altamente vinculadas a territorialidades específicas transformadas e construídas conforme necessidades adrede definidas pela esfera da produção. Os trabalhadores, dentro destes esquemas, encontram-se em um espaço funcionalmente desenhado para atender demandas e racionalidades produtivas, de forma que até o lazer passa a fazer parte de um universo totalizante. O mundo doméstico e o privado são igualmente invadidos de maneira inequívoca. A própria identidade das pessoas é passível de ser construída em relação às experiências residenciais e migratórias existentes internamente ao circuito migratório dos grandes projetos (Ribeiro 1991b, 1992, 1994). Com efeito, pode-se aproximar diversos esquemas de imobilização da força de trabalho às instituições totais (Ribeiro 1980, 1991a).

Em suma, este rápido percurso sobre diversas formas de imobilização da força de trabalho vinculadas a formas concentradas de expansão de capital e trabalho é representativo da riqueza da literatura e discussões sobre o assunto, em especial no que diz respeito a dois grandes focos: a análise de como as formas de imobilização da força de trabalho retratam com alta fidelidade a construção de populações e da vida social pelo e para o capital; e como o espaço, sendo alterado por estas iniciativas, passa a ter novas características de inserção em sistemas regionais integrados de mercado. Vê-se que, direta ou indiretamente, as formas de imobilização da força de trabalho são altamente orgânicas com as necessidades de expansão e reprodução da lógica do capital. Contudo, ao mesmo tempo que historicamente gera formas de concentração e imobilização, o capital gera dispersão e movimento populacional. Na verdade, centralizar e descentralizar são movimentos que necessitam ser entendidos de maneira relacional e que podem ser mais ou

menos funcionais de acordo com ramos de atividades econômicas ou momentos históricos. As "formas de dispersão da força de trabalho" são o outro lado da questão a ser explorado na próxima seção. Antes, porém, devo frisar, para efeito de enfatizar a distinção analítica, que as formas de imobilização da força de trabalho vinculadas ao modo de expansão concentrada, implicam em controle direto e planejado do capital sobre as formas de construir e gerir o espaço.

Formas de Dispersão da Força de Trabalho e o Modo de Expansão Difusa

Concentrar ou dispersar, centralizar ou descentralizar fatores de produção, não são necessariamente decisões tomadas pelo capital transformado em sujeito todo racional. Em grande medida, os resultados das dinâmicas de investimentos, diferenciados de acordo com distintos ramos da produção, têm a ver com o nível geral e desigual de desenvolvimento das forças produtivas e as diferentes relações de hegemonia político-econômica mantidas inter e intra-setores. Assim, a diferente distribuição de fatores como energia, informação, meios de comunicação e força de trabalho, tem importância central, tanto quanto o tipo de empreendimento em questão, para as possibilidades de concentração ou dispersão. Isto significa que a dinâmica centralizar/descentralizar se dá em complexo ambiente onde se incluem estrangulamentos ambientais, sociais, econômicos, políticos, tecnológicos e ideológico-culturais. Neste cenário, as volições racionais dos agentes evidentemente não são o fator principal. Como, por exemplo, destacar os complexos processos de centralização concomitantes à revolução industrial, com sua urbanização, emergência de grandes concentrações fabris, portos, etc., da disponibilidade de energia e meios de comunicação em certos locais, assim como, da emergência do próprio Estado-Nação com suas peculiaridades ideológicas e suas maneiras de organizar a relação sociedade-território-cultura?

As formas de imobilização da força de trabalho chamam a atenção para a relação íntima entre residência e a lógica do capital em territórios desenhados e controlados por este. Para explorar a construção da noção de formas de dispersão da força de trabalho, focalizarei dois fenômenos contemporâneos que designarei de nômades transnacionais e de **cottage system** eletrônico; fenômenos que envolvem uma relação, maior ou menor, entre a lógica do capital e territórios. Procurarei, igualmente, evocar seus impactos sobre processos de transformação do mundo contemporâneo, em especial sobre aqueles que têm a ver com a construção do espaço e a formação de sistemas regionais.

Karl Marx cunhou a expressão "nômade industrial" para referir-se à "infantaria ligeira do capital", aos trabalhadores engajados nas construções de estradas de ferro no século passado e que, vivendo em precários acampamentos, eram constantemente transferidos de um ponto para outro conforme as necessidades do processo produtivo. Certamente trata-se de uma forma de dispersão da força de trabalho sobre o espaço totalmente marcada pelas características do empreendimento que se desdobra sobre uma vasta extensão linear de território. Esta é uma área de franca interseção entre as formas de imobilização e as de dispersão já que sabemos que as grandes obras existem em uma cadeia de empreendimentos, o circuito migratório dos grandes projetos (Ribeiro 1992, 1994), que torna a experiência do trabalhador deste segmento da construção civil uma vida laboral típica de imobilização via moradia. Assim, apesar de os trabalhadores de grandes projetos

serem certamente nômades industriais, vinculados ao modo de expansão concentrado, nos servem de mediação para discutir as formas de dispersão da força de trabalho. Em primeiro lugar, justamente porque sua experiência, ao contrário de uma imobilização típica de um sistema fábrica-vila operária, é de uma sequência de migrações com imobilização, o que os desterritorializa. Em segundo lugar, porque, hoje mais do que nunca, a "infantaria ligeira do capital", ou ao menos sua elite, da qual os bichos-de-obra são exemplares, trava suas batalhas a nível global, em diferentes obras espalhadas pelo planeta, fazendo com que a sequência de experiências se dê em um quadro de encolhimento do mundo, de alta compressão do espaço-tempo (Harvey 1989), inseridas em uma lógica tipicamente transnacional, na qual os espaços locais se relacionam com o espaço global fragmentado mas onde a dispersão do sistema não implica em descentralização (Sassen 1991).

De fato, o que interessa reter, mais do que nada, é a transnacionalidade e a desterritorialização promovidas por formas de dispersão vinculadas ao modo de expansão difuso. Aqui a referência à territorialidade passa a ser secundária, ou de menor importância. O transnacionalismo tem profundas implicações para as relações entre os diversos níveis de integração (local, regional, nacional e internacional), já que os recorta transversalmente colocando em risco a lógica mesma das entidades territoriais (e suas representações culturais e políticas) sobre as quais estão organizadas as dimensões não-transnacionalizadas das economias políticas.

Vejamos estas afirmações mais concretamente, através de dois exemplos do que denominei de nômades transnacionais, o primeiro já em curso em diferentes regiões do mundo, e o segundo, ainda no plano das possibilidades.

É notável e crescente a importância dos fluxos migratórios globais para a economia mundial, nacional e regional. Em escala global, as remessas de migrantes do chamado "Terceiro Mundo" para os seus países de origem têm implicado em importantes fluxos de capital, algo, de acordo com a revista **Veja**, de 7 de setembro de 1994, ao redor de US\$ 37 bilhões, em 1990. Estima-se que os migrantes nipo-brasileiros no Japão "juntam até 3 bilhões de dólares, mais que o dobro das exportações brasileiras de café no ano passado. Isso é também quase cinco vezes o lucro líquido da Petrobrás, a maior estatal brasileira, em 1993 (...) Mesmo o Banco do Brasil, que diante dessa contabilidade se dispõe a socorrer desde o ano passado os bilhões que os emigrantes mandam do Japão, tem resultados líquidos sete vezes menores que os da nova clientela. Bastaram os primeiros 30.000 correntistas para despejar nos seus cofres 350 milhões de dólares" (Corrêa 1994: 72).

Economias como as de Governador Valadares (MG) e Maringá (SP), entre outras, têm se transformado radicalmente por conta da inserção de seus habitantes nestes fluxos globais. Os **brazucas** de Governador Valadares, município de 210.000 habitantes, são, segundo os dados de Weber Soares (in Corrêa 1994: 76), 33.468 pessoas das quais 30% partiram para sempre, 82% para os EUA "onde 35,1% das mulheres se empregaram em serviços domésticos e 33,8% dos homens trabalham em hotéis e restaurantes. Emigra-se dali desde a década de 60 (1,7%), mas foi depois de 1985 que 63,3% correram para o aeroporto". Em outro trabalho (Ribeiro 1993), sugeri que os antropólogos deveriam estudar consistentemente as populações brasileiras no exterior, para podermos, desta vez compreender, dentre outras coisas, a identidade de brasileiro em uma situação de minoria étnica. Sobre os **brasiguaios** pode-se contar com o trabalho de Sprandel (1992). Sobre os **brazucas** na área metropolitana de Nova Iorque está o livro de Margolis (1994).

Ao mesmo tempo, cresce a literatura sobre migrantes transnacionais na antropologia (Camposeco 1990; Ribeiro, 1991b, 1992; Rodriguez 1993; Basch, Schiller & Blanc 1994; p. eg.), migrantes que "constróem campos sociais que recortam fronteiras geográficas, culturais e políticas. Imigrantes que desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas - que ultrapassam fronteiras (...) Um elemento essencial do transnacionalismo é a multiplicidade de envolvimento que os transmigrantes sustentam tanto nas sociedades de origem quanto nas que os hospedam" (Basch, Schiller & Blanc 1994: 7). Estes novos migrantes só podem existir graças ao nível de desenvolvimento atual das formas de transporte e comunicação e da maior disseminação de informações em que implicam. Desta forma, os migrantes hoje, mais do que nunca, podem olhar para o espaço econômico em escala global e tomar decisões visando maximizar suas oportunidades, especialmente em se tratando de migrações temporárias de ida e volta. Comprovadamente, as experiências dos migrantes transnacionais leva a uma relativização do Estado-Nação, tanto o de origem quanto o de permanência temporária, e a uma crescente exposição a novas ideologias políticas e econômicas que são difundidas em seus países de origem.

Os impactos desse novo tipo de transumância certamente não são da ordem daqueles descritos na seção anterior tão claramente vinculados a esquemas de imobilização da força de trabalho dominados por uma organização centralizada. Pode haver até algum tipo de exposição a pequenos esquemas de imobilização da força de trabalho, como os barracões para migrantes jamaicanos e mexicanos temporariamente empregados em safras nos EUA. Porém, não é da exposição a uma lógica de imobilização via moradia que advém a especificidade desta experiência, mas do fato de constituir-se um sistema de trabalho migrante (Burawoy 1976) de alta rotatividade, verdadeiramente transnacional (não supostamente como ocorria no fluxo para as minas da África do Sul com o artifício engenhoso dos **bantustans**) e sem ser diretamente controlado por nenhuma grande agência capitalista identificável, mas por um conjunto disperso de agentes, ou pelas novas dinâmicas da relação capital/trabalho em escala global. Os efeitos vinculados à migração transnacional existente - sobretudo a relativização da eficácia do Estado-Nação, em todos os planos, e a emergência de uma consciência desterritorializada e supranacional - são por mim considerados como uma das condições para a emergência da trans-nacionalidade e, quem sabe, da trans-nação e do trans-estado (Ribeiro 1994a).

O segundo exemplo, de nomadismo transnacional é prospectivo e merecerá uma breve alusão. No contexto de uma Comunidade Européia transnacionalmente integrada, Paul Virilio (1994: 6) considera que "as mudanças atuais na natureza do emprego (trabalho em regime de tempo parcial, desemprego estrutural, etc.) vão acarretar, num prazo muito curto, uma reviravolta na natureza da habitação social". A instabilidade dos empregos, com contratos de trabalhos por tempo determinado, provocará o surgimento de "refugiados sociais autóctones", proletários que desta vez se deslocarão não à procura das estradas de ferro mas de "empregos precários, ao bel-prazer de um mercado internacional" criando a necessidade por "alojamentos transitórios" ou, posso inferir, de trabalhadores que com seus **motor-homes**, mobilizados via moradia, se locomovam, tal qual proletariado flutuante, visando maximizar as oportunidades existentes no espaço econômico cada vez mais marcado pela volatilidade e instabilidade.

A flexibilidade do capital, em sua nova fase de acumulação (Harvey 1989), com "fluxos tensionados e estoque zero", teria que ser acompanhada pela flexibilidade extrema

da circulação permanente do proletariado, tornada possível pelo presente estado dos meios de comunicação e transporte. Afinal, para um proletariado desenraizado e desterritorializado qual seria a diferença entre viver desempregado na periferia de alguma cidade ou temporariamente empregado em estacionamentos alçados à forma paroxística do acampamento temporário? Virilio é pessimista, vislumbra uma provável confrontação entre nômades e **teletrabalhadores** sedentários e, também, "a desconstrução dos subúrbios, estes bairros vivos que ainda favorecem a socialização. Em vez disso haverá um infinito vaguear, um percurso profissional cujo itinerário residencial não mais será assegurado". Trata-se, agora, e parafraseando Marx, de um nomadismo pós-industrial.

Foi Marx, igualmente, quem chamou a atenção, no contexto da primeira fase da industrialização e da centralização que unidades produtivas do tipo fábrica causavam, para a relação trabalho a domicílio, exploração da força de trabalho e acumulação de capital. O fato de encontrarem-se dispersos fora da fábrica, mas centralizados por capitalistas, não garantia que certos segmentos do processo produtivo da indústria têxtil estivessem menos propensos à exploração virulenta dos trabalhadores. Ao contrário, em residências ou escolas, encontrava-se uma alta subordinação de uma força de trabalho tipicamente formada por mulheres e crianças expostas a longas, exaustivas e mal-remuneradas jornadas de trabalho (cf. Marx, livro I, 1976: 326-342). De acordo com Marx: "Esta pretensa indústria doméstica tem apenas o nome em comum com a antiga indústria doméstica que supõe o **métier** independente nas cidades, a pequena agricultura independente nos campos e, acima de tudo, um lar pertencente à família operária. Ela se converteu, no presente, em departamento externo da fábrica, da manufatura ou da loja de mercadorias. Além dos operários da fábrica, da manufatura e os artesãos que concentra em grandes massas em vastos **ateliers**, onde ele os comanda diretamente, o capital possui um outro exército industrial, disseminado nas grandes cidades e nos campos, que ele dirige por meio de fios invisíveis" (Marx, livro I, 1976: 327). A aparente dispersão espacial do trabalho doméstico, com sua descentralização, se dava sob a hegemonia e controle da centralização concentradora do capital, o que facilitava mais ainda a exploração já que "a faculdade de resistência dos trabalhadores diminui em razão de sua dispersão e que todo um bando de vorazes parasitas se interpõe entre o empresário e o operário" (idem: 328).

No presente, sociólogos e antropólogos (Virilio 1994; Escobar 1994) criam neologismos como **teletrabalhadores** e **cibercultura** para explorar os impactos das tecnologias eletrônicas de comunicação e informática na estruturação do mundo moderno com seus lares eletrônicos, misto de unidades residenciais e produtivas, vinculados a sistemas locais, regionais, nacionais e transnacionais via redes de computadores. Desta maneira, podemos, em mais uma paráfrase, explorar a idéia do **cottage system eletrônico**.

Assim como o "poder benfazejo do vapor" unia ao seu redor uma "miríade de sujeitos" (Marx, livro I, 1976: 299), hoje o poder da eletricidade e da informação une uma miríade infinitamente maior, uma comunidade virtual e imaginada, a base simbólica da trans-nação (Ribeiro 1994a), ao redor dessas grandes usinas processadoras de informações que são os computadores e suas redes. **Networks** promovem uma centralização descentralizada, ou uma descentralização centralizada, dando de certa forma uma maior flexibilidade ao trabalhador com relação ao empregador. Por um lado, não se pode cair na ilusão, frequente entre os usuários das novas tecnologias de comunicação informatizada, de estarmos diante do reino puro da democracia burguesa finalmente instaurada em sua essência rousseauiana via redes eletrônicas. Por outro lado, tampouco se trata da fantasia

totalitária, panóptica de um **Big Brother** vigiando a todos. Em realidade, não se pode reificar o computador e as redes de informação, o meio tecnológico que viabiliza novas formas de comunicação e relações de trabalho. Como afirma Feenberg (1990), a respeito da entrada da computação, automação e da inteligência artificial no mundo industrial, toda inovação tecnológica é portadora de um potencial de dominação e de liberação, de utopia e distopia.

Certamente, os trabalhadores de classe média, profissionais mais qualificados e autônomos, poderão gozar das vantagens decantadas da descentralização do lar eletrônico, onde a pessoa poderá desempenhar suas tarefas sem abandonar sua casa, aproveitando mais do seu tempo livre no espaço doméstico. Já para o proletário eletrônico, não é difícil imaginar controles através dos quais a não utilização do teclado em um prazo pré-fixado implique em advertências ou punições automáticas que dispensem a existência de controladores da produção, fazendo com que o processo produtivo dos tempos modernos e tayloristas pareçam o reino da **nonchalance**.

Assim, em última instância, o impacto da tecnologia informática será resultante de um embate político travado entre os interessados em suas potencialidades, seus usuários, agências reguladoras, novas ou pré-existentes, que administram o direito das pessoas em um ambiente ideológica e culturalmente constrangido (a sociedade civil), um ambiente relativamente estruturado por sistemas de estratificação social e de poder pré-existentes.

De qualquer forma, tanto o nomadismo transnacional quanto o **cottage-system eletrônico**, em implantação numa era em que o setor de serviços cresce significativamente, significam a possibilidade de efetivamente realizar uma dispersão da força de trabalho inserida em um tempo e espaço relativizados pela dinâmica da compressão do espaço-tempo em escala planetária, impulsionando o modo difuso de expansão que prescindem de formas de imobilização tipicamente vinculadas ao modo de expansão concentrada. Seus impactos para a transformação e estruturação dos sistemas regionais inseridos em um sistema de espaços fragmentados globais (articulados frequentemente via satélite) só se farão representar nitidamente em uma escala histórica maior.

Contudo, é possível concluir que as relações entre os modos de expansão concentrada e difusa e as formas de imobilização e dispersão da força de trabalho continuarão sendo centrais para a compreensão das maneiras de reproduzir e estruturar a vida social, política, econômica e cultural contemporânea. Concentração, difusão, imobilização e mobilidade sempre conviverão com suas diversas táticas para fixar e fazer circular força de trabalho, mercadorias e informações. Na verdade, são relações que se dão em um contexto de transformações e lutas por hegemonia cujos resultados são difíceis de prever sem entrar no reino escorregadio da futurologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Basch, Linda & Nina Glick Schiller, Cristina Szanton Blanc
1994 *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Langhorne, Gordon & Breach.
- Burawoy, Michael
1976 "The Functions and Reproduction of Migrant Labor: Comparative Material from Southern Africa and the United States". *American Journal of Sociology* 5: 1050-1087.
- Camposeco, Jeronimo and David Griffith
1990 *Anchors of Identity: Migration and Transnationalism among Guatemalans, Jamaicans, and Puerto Ricans*. Trabalho apresentado na 89ª Reunião da Associação Americana de Antropologia, Nova Órleans, EUA.
- Corrêa, Marcos Sá
1994 "O Brasil se Expande". In *Veja* (27) 36: 70-77.
- Escobar, Arturo
1994 "Welcome to Cyberia: Notes on the Anthropology of Cyberculture". *Current Anthropology* 35: 211-231.
- Feenberg, Andrew
1990 "Post-Industrial Discourses". *Theory and Society* 19 (6): 709-737.
- Harvey, David
1989 *The Condition of Post-Modernity*. Oxford. Basil Blackwell.
- Laurelli, Elsa
1987 "Los Grandes Proyectos: Estrategias de Desarrollo y Transformación del Territorio". In *Los Grandes Proyectos y el Espacio Regional. Presas Hidroeléctricas y el Sistema Decisional*. Cuadernos del CEUR, 19. Buenos Aires.
- Leite Lopes, José Sérgio
1979 "Fábrica e Vila Operária: considerações sobre uma forma de subordinação burguesa". In José Sérgio Leite Lopes et al., *Mudança social no Nordeste; a reprodução da subordinação*. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
1988A *Tecelagem dos Conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo/Brasília. Marco Zero, Editora Universidade de Brasília, CNPq.
- Margolis, Maxine
1994 *Little Brazil. An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton. Princeton University Press.
- Marx, Karl
1976 *Le Capital*. Paris. Editions Sociales.

Neiburg, Federico

- 1988 *Fábrica y Villa Obrera: historia social y antropología de los obreros del cemento*. (2v.) Coleção Biblioteca Política Argentina. Buenos Aires. Centro Editor de América Latina.

Olien, Roger M. & Diana Olien

- 1982 *Oil Booms: Social Change in Five Texas Towns*. Lincoln, University of Nebraska Press.

Ribeiro, Gustavo Lins

- 1980 *O Capital da Esperança. Brasília: estudo sobre uma grande obra da construção civil*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- 1982 "Arqueologia de uma Cidade. Brasília e suas cidades satélites". *Espaço e Debates* 5: 113-124.
- 1985 "Proyectos de Gran Escala: Hacia un Marco Conceptual para el análisis de una forma de producción temporária". In Leopoldo Bartolomé (org.), *Relocalizados: Antropología Social de las poblaciones desplazadas*. Buenos Aires, Ediciones del IDES.
- 1987 "Cuanto Más Grande Mejor? Proyectos de Gran Escala una Forma de Producción vinculada a la expansión de sistemas económicos". *Desarrollo Económico* 105: 3-27
- 1991a "Acampamento de Grande Projeto: uma forma de imobilização da força de trabalho pela moradia". In Aldo Paviani (org.), *A Conquista da Cidade. Movimentos Populares em Brasília*. Brasília. Editora UnB. pp. 25-53.
- 1991b *Empresas Transnacionais. Um grande projeto por dentro*. São Paulo/Rio de Janeiro. Marco Zero/ANPOCS.
- 1992 "Bichos-de-obra. Fragmentação e reconstrução de identidades". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 18: 30-40.
- 1993 "Ser e Não Ser. Explorando Fragmentos e Paradoxos das Fronteiras da Cultura". In Claudia Fonseca (org.), *Fronteiras da Cultura. Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina*. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pp. 9-21.
- 1994 *Transnational Capitalism and Hydropolitics in Argentina*. Gainesville. University Press of Florida.
- 1994a "The Condition of Transnationality". Trabalho preparado para a sessão *Rethinking the Cultural: Beyond Intellectual Imperialisms and Parochialisms of the Past*, da 93a. Reunião da Associação Americana de Antropologia, em Atlanta, 01 de dezembro de 1994.

Rodriguez, Mariangela

- 1993 "La Construcción de la Identidad Nacional Chicana en torno al mito de Aztlán: Cinco de Mayo en Los Angeles, California". In Claudia Fonseca (org.), *Fronteiras da Cultura. Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina*. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pp. 52-66.

- Rofman, Alejandro B. & Luís A. Romero
1973 *Sistema Socioeconómico y Estructura Regional en la Argentina*. Buenos Aires. Amorrortu Editores.
- Sassen, Saskia
1991 *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton. Princeton University Press.
- Sprandel, Márcia Anita
1992 *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Virilio, Paul
1994 "Era Pós-Industrial cria nômades à procura de trabalho". *Mais! Folha de São Paulo*, 21 de agosto de 1994.